
A mãe e a mulher entre política e trabalho: um direcionamento clínico diante do desejo materno

EDNEI SOARES*

Resumo

Neste artigo, trata-se da investigação a respeito da relação mãe-filho no que concerne à teoria psicanalítica, tendo em vista a experiência com grupos de mães de filhos com deficiência e o contexto no qual estão inseridas em suas articulações com a política de educação inclusiva.

Palavras-chave: *Maternidade. Psicanálise. Deficiência. Inclusão. Política.*

As formulações deste trabalho partem da experiência desempenhada no Projeto *Conversando com as Famílias*,¹ realizado na escola de educação especial Ana do Nascimento Souza por intermédio da Fundação de Assistência Especializada de Nova Lima (FAENOL²). Essa fundação, mediante a implementação do Projeto de Educação Inclusiva, visa programar um novo modelo de educação no município de Nova Lima para que as instituições do município e da comunidade se envolvam no desenvolvimento das potencialidades dos portadores de necessidades especiais, baseando-se na singularidade e na diversidade destes.

¹ O Projeto *Conversando com as Famílias* foi proposto e é desenvolvido pelos psicólogos Ednei Soares e Guilherme Del Debbio. No segundo semestre de 2006, esse trabalho foi iniciado por Guilherme Del Debbio, quando foram recolhidas as sugestões para os temas dos grupos em 2007.

² Fundação mantenedora dessa escola e do Projeto de Educação Inclusiva citado.

* Ednei Soares é psicólogo e mestrando pela PUC Minas.

Em decorrência dessa conjuntura, a FAENOL, junto à escola Ana do Nascimento de Souza, por considerar a família como grupo social que exerce funções primordiais na vida e na constituição do sujeito e, conseqüentemente, fundamental à consciência dos familiares de que seus desejos se expressem em prol do novo paradigma vislumbrado pelo Projeto de Educação Inclusiva, estabelece, então, o Projeto *Conversando com as Famílias*. Trata-se de um espaço para pensar junto com os familiares e/ou responsáveis pelos alunos, novas maneiras de lidar com as diferenças e singularidades desses filhos/alunos, escutando as dificuldades, os entraves, as experiências e os desafios de ter um filho considerado deficiente e considerando-o em suas singularidades e potencialidades.

O Projeto *Conversando com as Famílias* acontece em grupos cujos participantes são, em sua maioria, mães de alunos da escola. O início dos grupos teve como ponto de partida temas sugeridos pelas mães dos alunos, quando se elegeu a *superproteção* das mães para com os filhos o tema principal para o início das conversas. Preza-se que a experiência dos grupos não se determine pelo fato de aproximar os participantes do grupo a uma problemática semelhante, mas, sim, de relacioná-los num encontro que fizesse supor e comprometesse a diferença possibilitada por meio da palavra de cada participante durante a conversa sobre a própria experiência e sobre os modos e estratégias pessoais gerados de acordo com esta.

A partir daí, ao vislumbrar o espaço nos grupos para a criação subjetiva, deu-se privilégio a uma prática da fala na qual a palavra dita tornasse possível o reconhecimento dessas criações singulares e marcasse a dissolução das identificações e dos pontos de gozo reconhecidos em comum entre as mães.

Apesar de os trabalhos com os grupos serem dirigidos com o propósito acima e com o esforço dos coordenadores em orientar tal trabalho de maneira a sustentar os pontos de não saber,

foi possível localizar nos grupos uma questão subjetiva. É que a maioria das mães, durante as conversas, encontrou nos significantes *superproteção* e *medo* as justificativas que, segundo a fala delas, fundamentavam posições muitas vezes simbióticas, caprichosas e de dedicação exclusiva à vida dos filhos, de forma a alienar sua vida no fato de que tiveram um filho deficiente, consagrando, em detrimento disso, todo seu sofrimento, suas dificuldades, renúncias e sacrifícios em torno de uma suposta debilidade, inabilidade ou incapacidade dos filhos. Se há um ponto de gozo comum no grupo, pode-se articular uma dimensão clínica que emerge desse espaço oferecido às mães e daí tematizar um direcionamento clínico relativo a tal situação.

Nessa escola, onde a mãe espera pela criança, há uma relação de união dessas mães com os filhos que, levada à radicalidade, impedia que falassem de si mesmas. A existência dessas crianças alienada ao olhar materno, que as via deficientes e incapazes, proporcionou relatos dessas mães que, em nome de uma dedicação absoluta, relatavam nas conversas como há vários anos levavam os filhos até a escola e aguardavam durante todo o horário de aula por eles, e faziam o mesmo quando era necessário que fossem a outro lugar ou tivessem outros afazeres. Algumas vezes, as mães chegavam a levar suas outras crianças ao grupo.

Tomando a orientação deste trabalho como inserido na perspectiva da psicanálise aplicada, o exame da relação mãe-criança na teoria psicanalítica nos faz discutir a maternidade e, por consequência, a feminilidade como portadora de um enigma para a mulher e suas implicações para a clínica psicanalítica. Sabe-se que tanto Freud quanto os pós-freudianos teorizaram a maternidade como uma saída para a feminilidade.

Sobre essa temática, em textos de Freud, tais como *Dissolução do complexo de Édipo*, de 1924; *Algumas consequências*

psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, de 1925; e na Conferência XXXIII sobre a *Feminilidade*, de 1932, encontra-se a formulação de que o desejo de ter um filho é originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe não deu e que a menina espera obter do pai. A sexualidade feminina, como um lugar que resta vazio e enigmático a ser preenchido por um semblante fálico, vê no bebê uma equivalência simbólica com o pênis que a menina descobriu não ter. Se Freud entende que o desejo de um filho está relacionado à inveja de pênis na mulher, Jacques Lacan religa, por sua vez, maternidade e castração. Ao fazer esse enlace, pode-se esclarecer sobre o dizer categórico de Lacan que *a mulher não existe*, pois não se admite que a maternidade consiga ocultar ou resguardar a sexualidade feminina tal como formulada por Freud.

No que tange ao sujeito e tratando-se de sua constituição como tal, desde 1936 Jacques Lacan apresenta pela primeira vez sua comunicação dedicada ao tema e intitulada *O Estádio do Espelho: teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido em relação com a experiência e a doutrina psicanalítica*. Quando retomada em 1949, tal comunicação foi reelaborada³ e se concentrou nas imagens especulares do *Estádio do Espelho* atentando à dimensão imaginária e concebendo uma ideia de que o sujeito humano é um ser prematuro no que tange ao seu nascimento, portando uma incoordenação motora constitutiva. A noção de *Estádio do Espelho* carrega a ideia de que o bebê só encontrará uma solução para tal estado de desapoio pela via de uma mediação, de uma “precipitação”. Nessa precipitação, o amadurecimento do próprio corpo é antecipado, pois ele se projeta na imagem do Outro, na figura materna, que se encontra em presença dele como imagem especular. A antecipação na imagem de Outro então descrita faz com que o bebê se retire da sua prematuração, mas o instala, por conseguinte, numa alienação, uma vez que o bebê é “obrigado” a se alienar para que se constitua como sujeito.

³ Nessa reelaboração, que se encontra publicada nos *Escritos* (1998) de Lacan com o título *O estágio do espelho como formador da função do eu*, há, nas formulações do autor referido, um privilégio dado à dimensão imaginária na constituição do sujeito.

A alienação contida no processo de constituição do sujeito será pensada também por Lacan em seu retorno à proposição freudiana mediante a noção de falo – tematizado como falta – da mãe, que se dá através do desejo de ter um filho, da nomeação que ela lhe atribui e do reconhecimento do filho por parte da mãe. Há aí, então, o estabelecimento de uma linguagem com o simbólico da mãe em que ela acredita que tal falta pode ser preenchida.

Ao pensarmos qual o lugar que uma criança pode tomar para uma mulher e quais as consequências de tais questões para a clínica psicanalítica com crianças e, porque não dizer, com as mães, deve-se considerar, então, o lugar que a maternidade pode ocupar para uma mulher, o que nos agita a debater se *ser-mãe* vai, de fato, responder ao enigma do feminino. Lacan, em um texto de 1969 (1998),⁴ aponta que a criança tanto pode ocupar o lugar de sintoma que representa a verdade do par familiar, como pode tornar-se o objeto da fantasia materna. Assim, o sintoma da criança se acha na situação de responder por aquilo que há de sintoma na estrutura familiar. Lacan, portanto, destaca o lugar de sintoma, articulando-o ao casal parental e ao lugar de objeto referido à fantasia materna. Ocupando então o lugar de objeto, a criança carrega o modo de falta da mãe, como afirma Lacan.

Miller (1998), ao comentar o texto de Lacan referido acima, atenta para o fato de que, se a criança unicamente preenche a mãe, ela se submete como dejetivo do par familiar ou mesmo vem a se aprisionar como objeto do fantasma materno. Miller sugere que é fundamental, a partir daí, que a criança divida a mãe e a mulher, uma vez que a criança pode preencher a falta da mãe como também é capaz de dividi-la. Miller (1998) trata, ainda, do sucesso da *metáfora infantil do falo* estabelecendo uma relação entre o desejo de ter um filho e o desejo de ter um pênis. Propõe que o sucesso dessa metáfora esteja subordinado à sua própria falha, uma vez que se faz imprescindível que tal metáfora não

⁴ O sintoma da criança é definido nesse texto de Lacan como revelador da verdade. Assim, o sintoma da criança responde ao sintoma familiar que representa a verdade do casal. Essas duas notas foram manuscritas por Jacques Lacan e entregues a Jenny Aubry em outubro de 1969 e que viriam a ser publicadas com a autorização de Jacques-Alain Miller em 1983 e publicadas no Brasil em 1998, na *Opção Lacaniana* n. 21.

recalque com a maternidade, o *não-todo* do desejo feminino. Em outras palavras, é indispensável que a mãe possa encontrar o significante do seu desejo em um homem. Por isso é condição desse não-todo do desejo feminino que a criança não complete a mãe, não se transforme no falo da mãe a partir da maternidade ou que não seja tudo para a mãe.

Segundo Lacan (1988, *apud* GARCIA-ROZA, 1994) o desejo se situa no centro do discurso psicanalítico. Trata-se de um desejo, por assim dizer, desnaturalizado e lançado na ordem simbólica, diferente do entendimento biologicista. Um desejo que só pode ser pensado em relação ao desejo do Outro, e aquilo para o qual ele aponta não vem a ser um objeto natural ou empírico, mas uma falta. Por meio de um deslizamento constante, o desejo, de objeto a objeto, causa uma satisfação sempre adiada e nunca apreendida de fato.⁵

Lacan (1998), ao fundamentar tal circuito desejante, o faz retomando a concepção de desejo que proposta no célebre capítulo IV da *Fenomenologia do espírito*, de Hegel. De janeiro de 1933 a maio de 1939, Lacan frequentou o seminário do filósofo russo Alexandre Kojève na École Pratique des Hautes Études em Paris intitulado *A filosofia religiosa de Hegel*. Assim, Lacan começou a descobrir a verdadeira fenomenologia hegeliana, que lhe trouxe contribuições imprescindíveis para a fundamentação de várias de suas ideias difundidas durante seu ensino.

Dessa maneira, a noção de “desejo” em Hegel, a *Begierde*, se constrói no sistema contido na *Fenomenologia do espírito*, por meio da figura utilizada pelo filósofo da dialética *senhor/escravo*. Nessa representação imaginada pelo filósofo alemão, há o encontro intersubjetivo e o reconhecimento entre duas consciências que lutam – a do senhor e a do escravo –, e somente o que enfrenta a morte se impõe desejantemente. De uma Consciência, *Bewusstsein*, para uma Autoconsciência, *Selbstbewusstsein*, chegando a uma Razão, *Vernunft*, uma

⁵ Sobre a relação entre as noções de *desejo* em Hegel e Freud, recorreu-se ao Capítulo VI, “O desejo”, do livro de Garcia-Roza, (1988, p. 39), onde há a discussão relativa ao desejo em Hegel e em Freud em que Garcia-Roza aponta uma hereditariedade concernente ao conceito de desejo de Hegel a Lacan, passando por Freud e que é evidenciada historicamente, tendo em vista que Lacan frequentou o curso de Kojève.

delas será reconhecida (*Anerkennen*) pela confrontação de duas Autoconsciências.

Em relação ao andamento com o grupo do Projeto *Conversando com as famílias*, foi inaugurado pela FAENOL, no início do ano letivo de 2007, um galpão no espaço da escola destinado à realização de oficinas de artesanato têxtil e oferecido às mães. Pode-se dizer que, gradualmente, parte das mães componentes dos grupos foi aderindo ao galpão, sendo que parte delas já participava das oficinas e, posteriormente, se juntou aos grupos. Em alguns momentos, elas falavam sobre o que as levaram a lançar mão daquelas atividades motivadas, desde questões terapêuticas, ocupacionais até capacitação profissional e geração de renda. Embora a inserção nessa atividade por parte das mães tenha sido causada por vicissitudes e interesses particulares de cada uma delas, o significante *trabalho* foi sublinhado ali para destacar a produtividade, o esforço, o ofício e a potencialidade daquelas mulheres que podem dirigir seus olhares a outras direções, fazendo-as assimilar um desejo por outras coisas, e não somente a maternidade de um filho com deficiência.

Se retomarmos o curso de Kojève do ano letivo de 1933-1934⁶ (frequentado por Jacques Lacan), o conceito da *Begierde* é tomado enquanto o desejo de assimilar o objeto (de desejo), de fazê-lo seu. Trata-se do desejo de incorporá-lo (o objeto) como um alimento. Esse conceito, que na *Fenomenologia* hegeliana está se referindo à figura do senhor que fora reconhecido pelo escravo como Consciência desejante e triunfante, traz em contrapartida, segundo Kojève, a noção de trabalho apropriada pela figura do escravo. O escravo, por meio do trabalho, torna-se senhor da natureza, uma vez que nesse trabalho ele transforma as coisas e, ao mesmo tempo, se transforma e liberta-se, assim, de sua própria natureza de escravo; liberta-se do senhor.

Segundo Kojève (1947-2002), essa transformação progressiva do mundo dado e do homem dado nesse mundo, realizada

⁶ Alexandre Kojève foi um dos mais importantes introdutores do pensamento de Hegel em todo o mundo ocidental. A negatividade kojéviana forneceu a Lacan a noção de desejo dessubstancializada, a qual interessava Lacan em seu retorno a Freud. Há também, no comentário de Alexandre Kojève sobre a Seção A do capítulo IV da *Fenomenologia do espírito*, seção intitulada "Autonomia e dependência da consciência-de-si: dominação e sujeição", que se encontra publicado, por sua vez, na "Guisa à Introdução" de *Introdução à Leitura de Hegel*, formulações sobre a noção do trabalho do escravo.

pela figura do escravo, é diferente da dominação imediata do senhor que se mantém indefinidamente identificado consigo. Kojève faz uma distinção entre o desejo do senhor e o desejo do escravo salientando que o senhor se contenta com o consumo do trabalho do escravo, fruindo e se satisfazendo dele. Já o trabalho do escravo é um desejo reprimido, um esvaecimento impedido que transforma o mundo e o homem. Nas palavras de Kojève (1947-2002, p. 47), “o homem que quer trabalhar tem que reprimir o instinto que o leva a consumir imediatamente o objeto bruto”. Ao trabalhar, esse homem se transcende: ele se educa, cultiva, sublima seus instintos ao reprimi-los, pois, para o trabalhador, o objeto-coisa tem autonomia.

De fato, esse modelo em Hegel (1992) traz à tona concepções que interessam, uma vez que elas se afirmam como modelo para a concepção psicanalítica; entretanto, tal “desejo”, a *Begierde*, é bem distinto do “desejo”, o *Wunsch* freudiano, que obedece à dinâmica e à economia das pulsões, entre corporais e incorporais. Fora isso, Lacan sublinha a diferença entre o desejo hegeliano em relação ao desejo freudiano fundamentada no inconsciente. Se as pulsões, segundo Freud (1915-2004), estão situadas num processo que é realizado entre somático e psíquico, elas serão objeto de captura na ordem do desejo, sendo reguladas no Outro.

Assim, ao retomarmos a formulação freudiana de que na maternidade o desejo de ter um filho é o correlato do desejo de possuir o pênis que a mãe não deu e que a menina espera obter do pai, pode-se averiguar na interação mãe-filho uma relação de gozo sem limites da mãe com o todo do corpo do filho assujeitado como objeto desse modo de falta da mãe: “Em busca, em seu esforço para encontrar no Outro o que seria o significante desse objeto impossível que lhe foi privado, algo não se apazigua”. (LAURENT, 2007, p. 22)

Para tratar da regulação da economia pulsional ou da perda de gozo descrita acima, que deverá ser enlaçada na ordem

do desejo e daí regulada no Outro, retoma-se o então denominado primeiro ensino de Lacan (1964-2005) quando, ao expor a formulação do Nome-do-Pai, a propõe como metáfora do desejo materno, ou seja, o desejo da mãe por um terceiro termo (o Nome-do-Pai) que circunscreve o desejo materno a um campo que salva a criança do modo avassalador desse desejo. Isso significa que a ela, a mãe, falta e que isso, correlativamente, torna possível que a criança atravesse a posição de ser o falo da mãe para a de ter o falo. A função do Nome-do-Pai é a de introduzir a castração como simbólica quando, ao ser o falo da mãe e ao sustentar a existência da mãe como fálica, tal configuração implica a destituição e a impossibilidade para a criança de constituir o próprio falo.

O Outro em Lacan é postulado como lugar discursivo, o lugar da existência dos significantes, onde o sujeito se constitui de maneira a assujeitar sua inscrição no conjunto de termos significantes e por meio desse mesmo conjunto é possível, pela via da fala, produzir um lugar diferente neste assujeitamento no Outro. Portanto, a dialética hegeliana apresentada por Kojève não comporta a divisão em mãe/mulher concernente à criança como *metáfora infantil do falo*.

Seguindo o andamento dos grupos, as mães, junto com os coordenadores, fizeram emergir outras temáticas para as conversas: “Aceitação e preconceito”. O debate sobre os novos temas conduziu as mães, num primeiro momento, a se concentrarem no ponto de gozo com o qual se identificavam ao relatarem suas experiências de sofrimento em torno do *preconceito* do Outro em relação aos filhos com deficiência. Se a psicanálise apresenta-se capaz de uma utilidade nesse contexto, que é a paralisação das mães no ponto de gozo comum que lhes causava angústia e sofrimento, Miller (1998-1999) sugere que o psicanalista não recue diante do termo “útil”, pois seria necessário pensar como e em que medida ou proporção ele pode ser útil

na condução de um tratamento e não se a psicanálise precisa ou não, se deve ou não ser utilizada em determinados contextos, ou mesmo se é indicada ou contraindicada para alguns casos.

As mães que levavam ao grupo a marca do confronto com a perda estrutural e localizavam na posição de mães coladas aos filhos deficientes uma solução para a falta de garantias e inconsistência do Outro levavam-lhe, também, suas respostas sintomáticas. A orientação realizada pelos coordenadores teve a questão de como responder do lugar que mantivesse acessível o espaço ao desejo das mães articulado ao gozo dela. Como um modo de intervir nesse ponto, no qual as mães se alienavam, os coordenadores ofereciam, ao lançar mão do significante *aceitação*, um contraponto apostando haver, assim, uma saída com a qual uma regulação daquele traço de gozo comum às mães do grupo se desvanecesse. Desse modo, por meio da palavra de cada participante da conversa foi trazida à tona as experiências particulares de cada um quando, ao relatar as próprias estratégias para lidar com as situações de preconceito, marcou-se em sua fala algo da singularidade de cada uma das mães.

Houve no grupo, portanto, um efeito sujeito, pois a fala criou outro lugar e permitiu aparecer um sujeito que não havia antes ali quando, anteriormente, a mãe não podia falar de si a não ser nesse lugar de mãe. Ao grupo levaram-se questões, por exemplo, concernentes à possibilidade de uma autonomia referente à autoria dos trabalhos dos galpões tendo em vista a particularidade do gosto estético das artesãs: *Queremos escolher as formas, as cores, as linhas, o material e maior autoria em relação à estética dos nossos produtos. Isso é muito importante, já que somos nós quem os fazemos.*

A espera pela palavra das mães se tornara um momento fecundo quando a palavra pode contornar o furo que definia a falta estrutural, trazendo consequências na subjetividade ao fazer surgir outras demandas e aparecer um sujeito que não havia ali

antes, dadas as consequências da perversidade presente na relação mãe-filho, que era visível. A produção pela fala de outros lugares onde esse sujeito aparecia ou a criação de outro espaço para as mães serem outra coisa naquela escola podia criar espaço para uma mulher.

Em outro caso, uma delas, que já tinha experiência no trabalho nos galpões e relatava no grupo sua persistência e empenho em fazer desse trabalho algo que lhe gerasse rentabilidade razoável, abandonou o grupo e o galpão, segundo as outras participantes, para fazer um curso de cabeleireira profissionalizante, algo que sempre a interessou como profissão. Essa mulher recebeu, então, segundo as componentes do grupo, um convite da fundação para atuar, agora, como monitora no galpão ensinando as outras.

Vimos que ao início dos trabalhos havia uma concentração sobre o evento que marcara a vida dessas mulheres, o filho deficiente, ocupando o lugar de sintoma, tornou-se o objeto da fantasia materna, levando consigo o modo de falta da mãe. Depois disso, passou-se, então, a haver nos grupos uma chance a partir da escuta dessas mães, que agora se apresentam pela via da palavra, em um ponto onde elas se localizam numa posição entre ser mãe e ser outra coisa. Encontra-se, então, uma possibilidade de orientar clinicamente essa experiência composta pela fala de várias mães, já que se cria pela palavra outro espaço para as mães serem outra coisa quando o sujeito na mãe não podia aparecer. Esse ponto eu considero ter sido alcançado pela via do trabalho dessas mães e pelo interesse por ações políticas.

Seguindo o que pôde ser escutado dessas mães ao considerarem o preconceito e a aceitação das crianças com deficiência e o convívio delas no campo do Outro social, muito foi dito e pensado sobre como informar a comunidade sobre a realidade daquela escola tendo em vista atenuar o preconceito e a exclusão e oferecer nova ideia sobre a deficiência. Adotando a

proposta de Garcia (1997), é preciso retirar o sujeito da posição de “vítima” do sistema, do mundo e de suas perversões e implicá-lo na produção de seu sofrimento e na manutenção das relações de poder.

Assim, pôde-se notar que o lugar discursivo das mães foi alterado a partir do momento que elas puderam movimentar outros significantes assinalados nas conversas como a ação, a aceitação, a possibilidade, metas, potencialidades, o trabalho e a inclusão. Dessa maneira, as mães inscreveram nesse conjunto de termos significantes novas possibilidades de posicionamentos subjetivos relativos à problemática circunscrita no encargo do fardo do filho deficiente, problemática com a qual elas consagravam a vida e a encerravam como sujeitos e que conseqüentemente se aproximavam ao início das conversas: *Os outros pensam que nós também somos deficientes. Nós não somos deficientes. As pessoas precisam saber disso.* O significante da deficiência, a partir do qual os filhos estavam alienados e também essas mães, passou a exercer novo papel.

Se a política como discurso supõe o coletivo ou um sujeito pensado coletivamente, houve, portanto, ao conversar sobre as possibilidades de melhor aceitação daquelas crianças, a aproximação de uma ação política como construção do possível diante das impossibilidades com as quais as mães deparavam ao relatarem suas experiências. Tomando ainda como referência Garcia (1997), sobre a ética de uma clínica do social, as intervenções realizadas tinham em seu horizonte a produção de efeitos sobre o sujeito em sua singularidade e sobre o social em sua forma de organização. O elemento do coletivo tinha emergência nesse momento como algo que solicitava uma ação que tinha, por conseguinte, o objetivo de modificar a realidade daquelas mães e de seus filhos e que se mostrava por meio da experiência obtida de suas relações com a cidade e do viver em comum com o Outro social: *As pessoas devem vir até as escolas para*

conhecê-la. Nem a escola nem nossos filhos são como pensam lá fora. Como podemos fazer isso?

O valor que o espaço do grupo oferece é significativo, pois é diferente do que antes a mãe não podia falar de si a não ser no lugar de mãe. Por meio da assimilação de seus esforços aplicados à produção das oficinas realizadas no galpão, parte das mães pôde vislumbrar novas maneiras de se apropriarem do trabalho realizado na escola para com ele se engajarem na construção de novas formas de se posicionarem diante do preconceito que lhes causavam sofrimento: *É preciso expor nossa produção em outros lugares. Não só aqui dentro. Queremos escolher onde expor.* As iniciativas de ações coletivas eram, então, fundamentadas na invenção de novas maneiras de se posicionar como mulheres que trabalham com a sugestão de novas formas de se apresentar e mostrar seus trabalhos e os novos espaços para a inclusão de seus filhos.

Retornando às lições do curso de Kojève (1947-2002), quando o autor desenvolve sobre a transformação progressiva do mundo dado e do homem dado no mundo por meio do trabalho, averiguou-se, no espaço das conversas, a forma como as mães visaram alterar a realidade em que viviam. Se Kojève enfatiza a diferença da dominação imediata da figura do senhor, que se mantém indefinidamente identificado consigo, as mães que antes na posição de uma mãe-toda identificada na deficiência do filho, ao se mobilizarem em relação a apoderar-se de seu trabalho de maneira a querer escolher como realizá-lo, como valorizá-lo e onde apresentá-lo, puderam fazer desse trabalho algo que lhes direcionasse o olhar para outra coisa (o trabalho) e oferecesse bússola ao desejo como uma mulher que falta-a-ser. Esse desejo se configurou, portanto, como algo que exigiu elaboração das mães e que lhes supõe algo que falta; e assim, como diferencia Kojève (1947-2002), o desejo do escravo é, então, um desejo reprimido e que transforma o mundo e o

homem por meio de seu trabalho, pois aí ele sublima seus instintos ao reprimi-los, uma vez que, para o trabalhador, o objeto-coisa tem autonomia.

O espaço destinado à escuta das mães e que lhes conduzia a fala trouxe consequências em suas subjetividades. O espaço oferecido nos grupos esperava pela palavra daqueles sujeitos, palavra esta que pôde contornar esse furo entupido pelo filho, fazendo surgir outras demandas. A mãe que, pelo olhar, atribuiu ao bebê solução da angústia causada por sua falta estrutural, marcando-o como incapaz, trouxe ali um novo elemento em seu discurso, uma vez que a deficiência do filho lhe deu a possibilidade de fazer dela uma *mulher* que pode seguir seu caminho como tal, trabalhar e produzir.

A criança, que realizava algo para a mãe, pôde ser revelada como “objeto liberado” pelo significante da falta estrutural (LAURENT, 2007, p. 17) e que deu, conseqüentemente, lugar para que algo do desejo da mãe surgisse. Outra participante dos grupos e do galpão que, no momento do intervalo na escola, acompanhava seu filho e dava-lhe pessoalmente a merenda escolar, não permitindo que o profissional encarregado o fizesse, relatou:

Demorei a gostar do tear, mas com o tempo fui aprendendo melhor e gostando mais. Houve um dia em que estava tão concentrada e gostando tanto de trabalhar no tear que, quando soou o sinal do intervalo, resolvi continuar o que fazia no galpão. Pensei: ‘As pessoas responsáveis por dar comida ao meu filho vão saber fazer’.

O desejo que centraliza o discurso psicanalítico propiciou os dizeres das mulheres acima destacados, os quais sinalizavam a abertura para a metaforização do desejo da mãe e entrada de algo que veio dividir o olhar feminino (o Nome-do-Pai) e responder de um lugar onde é possível ser outra coisa que não mães de filhos deficientes, e aprisioná-los como objeto do fantasma materno.

Tomando o desejo materno e partindo dessa experiência, retomando Miller (1998) já que, entre psicanálise e psicanalista, a medida da interferência, da operação e da presença do psicanalista e da psicanálise é dada pela demanda apresentada por quem o procura e a partir de algo do desejo que pode ser vislumbrado e que ali se revela. O encontro com um analista ou, porque não dizer, com a psicanálise não haveria contraindicação.

Ednei Soares

Abstract

THE MOTHER AND WOMAN BETWEEN POLICY AND WORK: CLINICAL GUIDANCE ON THE MATERNAL DESIRE

This paper deals with an investigation into the mother-child relationship with regard to psychoanalytic theory, in view of the experience with groups of mothers of children with disabilities and the context in which they interact with the inclusive education policy.

Keywords: *Motherhood. Psychoanalysis. Disabilities. Inclusion. Policy.*

Résumé

LA MÈRE ET LA FEMME ENTRE POLITIQUE ET TRAVAIL: UNE DIRECTION CLINIQUE DEVANT LE DÉsir MATERNEL

L'article traite de la relation mère-enfant en ayant comme point de repère la théorie psychanalytique; on considère ici une expérience faite avec des groupes de mères dont les enfants sont handicapés, et on tient également compte du contexte dans lequel ces mères se trouvent insérées, plus particulièrement de leur position vis-à-vis de la politique d'éducation inclusive.

Mots-clés: *Maternité. Psychanalyse. Handicap. Inclusion. Politique.*

Referências

- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1924. v. XIX.
- FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1925. v. XIX.
- FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1932. v. XXII.
- FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão (1915). In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. I, p. 133-162.
- GARCIA, C. *Clínica do social*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente* (1988). Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 237p.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992. 552 p.
- HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 505 p.
- KOJÉVE, A. *Introdução à leitura de Hegel* (1947). Rio de Janeiro: Contraponto: UERJ, 2002. 558 p.
- LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957/1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 272 p.
- LACAN, J. Duas notas sobre a criança (1969) Tradução de Ana Lydia Santiago. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 21, p. 5-6, abr. 1998.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.
- LAURENT, E. O que as psicoses ensinam à clínica das neuroses. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 14, p. 176-187, abr. 2000.
- LAURENT, E. Psicanálise com crianças e sexualidade feminina. In: _____. *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro. Contra-Capa, 2007. p. 13-23.
- LAURENT, E. A criança no avesso das famílias. In: _____. *Variedade da prática: do tipo clínico ao caso único em psicanálise*. Rio de Janeiro. Contra-Capa, 2007. p. 11-21.
- MILLER, J-A. A criança entre a mulher e a mãe. Tradução de Ana Lydia Santiago. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 21, p. 7-12, abr. 1998.
- MILLER, J-A. As contra-indicações ao tratamento psicanalítico (1998). *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 25, out. 1999.
- ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 548 p.

